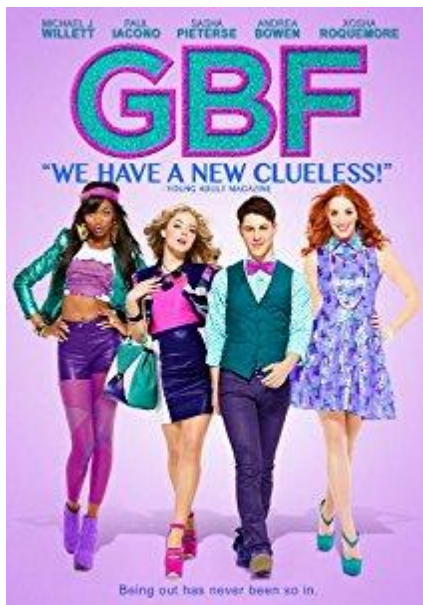


G.B.F. (2013)

Fabio Ortiz Goulart*



O filme é uma comédia que conta a história de Tanner, um adolescente homossexual não assumido e nada popular no colegial. Ao ganhar um telefone novo, seu amigo Brent, que também é homossexual não assumido, decide que Tanner tem de instalar um aplicativo chamado de “Guydar” que serve para se relacionar e conhecer homens gays de vários lugares. Porém, mesmo hesitando, Tanner cai na conversa de Brent e acaba por instalar o aplicativo. Sem perceber, o telefone do adolescente acaba por tocar durante uma aula, e Tanner logo se vê em uma enrascada, quando o dispositivo revela a sua sexualidade para seus colegas de escola – que passam a vê-lo como um pária social na hierarquização do sistema da escola estipulado

pelos alunos. Este fenômeno faz com que os amigos entrem em conflito e se tornem inimigos, o que começa a irritar o núcleo de amizade comum aos dois envolvidos; porém quando Tanner se vê diante de colegas homofóbicos que querem bater nele, o garoto decide tomar uma atitude desesperada para se proteger do preconceito: se juntar às garotas populares da escola que estavam à procura de um G.B.F. (Gay best friend, no original; em tradução literal, melhor amigo gay) para aumentar a sua popularidade. Tanner começa a renegar o seu antigo núcleo de amigos em troca das meninas populares, porém logo percebe que isso é um erro e resolve fazer as pazes com seus antigos amigos. O longa traz infinitudes de elementos para que se possa estudar as sexualidades no contexto escolar, como a popularização e hierarquização da população de estudantes nas escolas norte-americanas e o quanto isso é prejudicial para indivíduos menos favorecidos socialmente; a insegurança e o medo em relação à descoberta da própria sexualidade; as relações afetuosas entre amigos e a aceitação por parte da família.

*Acadêmico do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e ex bolsista de Iniciação Científica do CNPq/FURG.